

O LUGAR DO OUTRO NA ESTRUTURAÇÃO DO DESEJO DO SUJEITO DE ESTUDAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ana Claudia Cunha Salum

Escola de Educação Básica da UFU

Mestre em Letras e Lingüística e doutoranda em Lingüística Aplicada na Unicamp. Professora de Língua Inglesa da Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do GPAD (Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso) e do GELP (Grupo de Estudo em Lingüística e Psicanálise) do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um recorte de nossa pesquisa de Mestrado, em que foi analisado o processo de inscrição de alunos do ensino fundamental em uma língua estrangeira, participantes de um projeto de ensino intitulado *Projeto de Sensibilização de Língua Estrangeira*. Para a análise recorreremos aos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa e da teoria lacaniana psicanalítica da subjetividade, a qual considera o sujeito como do desejo inconsciente. A metodologia se pautou na coleta de depoimentos abertos das professoras participantes do projeto de sensibilização e de questionários realizados com os alunos sobre suas opções em estudar uma língua estrangeira. Como resultado dessa análise, verificamos o desejo dos alunos subordinado à demanda do(s) Outro(s), fato esse que não lhes possibilitou subjetivar as suas escolhas e, conseqüentemente, não permitiu o advento do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Análise do discurso. Teoria psicanalítica da subjetividade.

ABSTRACT: This article aims at presenting part of a research which we analysed the process of fundamental school student's inscription in a foreign language, during the realization of a project

called *Projeto de Sensibilização de Língua Estrangeira*. For the analyses, we used some of the concepts of the Discourse Analyses and the subjective psychoanalysis theory. The methodology was based on the collection of open statements from the teachers and also questionnaires answered by the students, both participants in the project. As a result, we could verify the desire of the students subordinated to the necessity of the Other(s), which don't give them the possibility of subjectivating their choices and, as a consequence, don't allow the subjects to emerge.

KEYWORDS: Teaching and learning a foreign language. Discourse analyses. Subjective psychoanalysis theory.

O projeto de sensibilização analisado

Este artigo é um recorte da nossa dissertação de Mestrado na qual estudamos o processo de inscrição de alunos em uma língua estrangeira durante o primeiro contato proporcionado por um projeto de ensino designado *Projeto de Sensibilização de Língua Estrangeira*. Tal projeto é desenvolvido pelas profissionais da Área de Línguas Estrangeiras da Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia e tem como objetivo proporcionar aos alunos um momento de contato com um registro simbólico outro e, a partir dessa primeira aproximação, criar uma possibilidade de os alunos se identificarem e, conseqüentemente, optarem por uma das três línguas estrangeiras oferecidas pela escola, a saber, Inglês, Francês e Espanhol.

A implementação de tal projeto de ensino se dá por meio da exposição de conteúdos introdutórios nas três línguas e em momentos distintos, nos quais os aprendizes poderão estabelecer seus primeiros contatos com uma língua outra e, a partir daí,

inscrever-se em uma delas. Os conteúdos introdutórios são apresentados aos alunos mediante canções, jogos e atividades diversas, com o intuito de motivá-los e sensibilizá-los para a opção da língua que irão estudar até o final do oitavo ano do ensino fundamental. Os alunos, participantes do projeto, são do quarto ano do ensino fundamental e apresentam uma idade entre dez e onze anos, constituindo um universo de 75 alunos, distribuídos em três salas. As disciplinas de Línguas Estrangeiras são estudadas a partir do quinto ano, ficando sob a responsabilidade do aluno, no final do quarto ano, a escolha pelo Francês, Inglês ou Espanhol.

A proposta de estudar a primeira aproximação desses aprendizes com uma língua outra em um ambiente escolar, proporcionado pelo projeto de ensino acima descrito, tem como suporte teórico o encontro da Lingüística Aplicada (LA) seguindo um viés discursivo com alguns conceitos da psicanálise lacaniana. Partindo desse encontro teórico, podemos lançar um outro olhar para o ensinar e o aprender uma língua estrangeira, no sentido de

considerarmos fatores não-cognitivos² como cruciais para o acontecimento de aprender uma língua na escola, uma vez que pressupomos ser esse processo atravessado por questões ligadas à subjetividade e ao inconsciente, que interferem no percurso de tal empreitada.

Essa vertente da LA com viés discursivo, adotada neste estudo, permite-nos conceber a linguagem como discurso, pois acreditamos que

[a] linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que servem apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção, ela não é neutra, inocente (na medida em que esta engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [...] Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado das suas condições de produção (BRANDÃO, 1994, p. 12).

A relação sujeito-língua estrangeira, numa vertente psicanalítica da subjetividade, é abordada pelo reconhecimento de que a língua estrutura o sujeito, visto que ela marca sua existência de uma maneira singular, daí a dificuldade de o professor de línguas em tratar daquilo que constitui o sujeito e em lidar com questões que dizem respeito a sua própria estruturação. Sendo assim, ressaltamos as implicações que falar uma língua, que é outra, tem para o sujeito, pois

[...] durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, são as bases mesmas da estruturação psíquica que são solicitadas e, com elas, aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna (C. REVUZ, 1991, apud SERRANI-INFANTE, 1997, p. 66).

Portanto, pensar em fatores que possam levar os sujeitos a saber uma língua estrangeira não é uma tarefa simples, visto que enunciar em uma outra ordem simbólica vai além das técnicas disponíveis e envolve questões ligadas à identidade do sujeito, constituída por meio de um processo inconsciente de identificações contínuas, envolvendo o mundo interior e o mundo circundante do sujeito (SERRANI-INFANTE, 1997, 1998; CORACINI, 2003).

Para os objetivos deste artigo, pretendemos ressaltar parte de nossa análise da pesquisa do Mestrado, na qual se mostra, dentre outras temáticas, o lugar do(s) Outro(s) na estruturação do desejo do sujeito, mais especificamente, o papel de diversos Outros refletindo nas opções dos aprendizes em estudar uma língua estrangeira na escola.

A pesquisa foi realizada com alunos e professores participantes do projeto de sensibilização, perfazendo um total de quatro professoras (duas de Inglês, uma de Espanhol e uma professora de Francês) e 75 alunos cursando o quarto ano. Para a coleta dos depoimentos das professoras de línguas estrangeiras, adotamos os procedimentos da *Proposta Aréda* de abordagem, que significa *Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos*, um programa de pesquisa desenvolvido pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, o qual visa registrar e analisar os depoimentos obtidos mediante a

² Dentre alguns desses fatores, podemos destacar os que se referem ao sujeito, à identidade, aos processos identificatórios, à subjetividade e à singularidade dos sujeitos (SERRANI-INFANTE, 1997,1998; GRIGOLETTO, 2000, 2003, dentre outros).

gravação de respostas a perguntas abertas sobre assuntos de interesse do pesquisador.

Quanto às reflexões acerca do desejo em estudar certa língua estrangeira, todos os alunos foram requisitados a responder a um questionário em um momento anterior à realização do projeto, informando qual língua estrangeira gostariam de estudar, bem como as razões para essa opção. Assim, solicitamos aos alunos responder ao que mais os atraía na língua estrangeira de sua escolha.

A análise desse *corpus* foi realizada tomando os princípios da Análise do Discurso de linha francesa, os quais apontam para a *complexidade dos produtos da linguagem e, sob esta direção, possibilitam 'escutar' a constituição dos sujeitos e a produção dos sentidos – um movimento da linguagem bem mais complexo do que a leitura das evidências* (SOUZA, 2002, p. 12, grifo do autor). Tais princípios se deslocam a partir do atravessamento de estudos psicanalíticos, os quais consideram o sujeito do desejo inconsciente como aquele que, porque singular, é capaz de reorganizar a cadeia de significantes para ele apresentada.

No próximo item, procuramos mostrar um aspecto que se mostrou bastante recorrente nas manifestações discursivas sobre as escolhas de nossos sujeitos alunos por uma língua estrangeira e sobre todos os fatores a elas associados: a grande relação existente entre o desejo do sujeito e a demanda do Outro.

A alienação do sujeito ao Outro³

Na análise que se segue, verificamos o modo como o desejo do sujeito em estudar certa língua estrangeira é atravessado por uma demanda que é de um outro lugar, de um Outro. Nesse

sentido, podemos mencionar Fink (1998), ao considerar uma alienação do sujeito ao Outro, o qual nos explica que

[n]ossas próprias fantasias podem ser estranhas para nós, pois são estruturadas por uma linguagem que é apenas assintótica ou tangencialmente nossa e, no início, elas podem até ser fantasias de outras pessoas: uma pessoa pode achar que tem uma fantasia que é na realidade a fantasia da sua mãe ou do seu pai, e que ela nem mesmo sabe como apareceu na sua cabeça (FINK, 1998, p. 30).

Ao se alienar ao outro, o sujeito deixa de apresentar um envolvimento subjetivo e, com isso, não se compromete e não consegue perceber a sua participação nas suas atitudes e nas suas escolhas. Dito de outro modo, em decorrência dessa alienação, o sujeito não consegue subjetivar suas causas, não consegue criar, e, portanto, produzir sua verdade.

Assim, propomos uma reflexão sobre o papel dos pais, ou de qualquer outra pessoa que ocupe esse lugar, nas escolhas por uma língua a ser estudada pelos sujeitos desta pesquisa.

A participação de diversos Outros, em momentos diferentes do contato com uma língua estrangeira, emergiu de maneira bastante recorrente nos depoimentos das profissionais responsáveis pelo desenvolvimento do projeto. Vejamos alguns exemplos dessas enunciações:

(1) - PII⁴: [...] e é uma diversidade muito grande de situações que a gente vivencia / no momento das escolhas / porque os colegas / a família / o fato de estarem cursando inglês em outra instituição / instituto de línguas / até mesmo o contato com professores conosco

³ O grande Outro para Lacan (1998) é o lugar da palavra, da falta instaurada pelo desejo, é o que indica ao sujeito o que este deseja. Segundo o psicanalista, o inconsciente, como é repleto da fala de outras pessoas, é o outro discurso. Daí ele considerar o inconsciente como sendo o discurso do Outro.

⁴ PII refere-se a uma das professoras de inglês participante da pesquisa.

os professores envolvidos no projeto / é / são fatores e ainda o contexto social / todo o imaginário que constitui esses alunos / né? / a questão / de os colegas de sala / e o desejo de ficar junto com esses colegas / são questões que são levantadas e que são importantes nas decisões [...]

Podemos perceber, por esse dizer, que a professora relata sobre a diversidade vivenciada durante as escolhas, justamente porque ela consegue notar a presença de várias outras pessoas, que não apenas os alunos, no momento da opção por uma outra língua. Desse modo, observamos a dificuldade das professoras responsáveis pelo desenvolvimento do projeto de sensibilização em controlar experiências e contatos que já constituíram esses sujeitos muito antes do projeto acontecer.

Em relação a esses contatos e experiências, faz-se importante mencionarmos Coracini, a qual pontua que

toda representação se constrói a partir das experiências pessoais, mas não apenas: elas se constroem a partir das experiências dos outros, daqueles que nos cercam e que nos levam a crer nisto ou naquilo, que nos dizem quem somos (CORACINI, 2003, p. 219).

Assim sendo, essa constituição heterogênea e complexa, na visão da professora, contribui para a diversidade de situações vivenciadas pelas professoras responsáveis pelo projeto de sensibilização.

Queremos acrescentar, ainda, que, de acordo com os estudos psicanalíticos, o sujeito se constitui, ele não nasce e não se desenvolve. Esse percurso de constituição do sujeito deve ser considerado e, se o sujeito é constituído, é porque ele não é inato (ELIA, 2004, p. 36-45). Isso significa dizer que o nascimento de um sujeito é algo datável, mas a sua constituição só se dá por um conjunto de fatores que permitem o seu aparecimento. O sujeito

apresenta uma constituição heterogênea, isto é, se constitui de diversas maneiras, a partir de diversos contatos com pessoas outras e com o mundo a sua volta. Dessa maneira, os sujeitos de nosso estudo já possuem uma estruturação psíquica que faz com que eles já se apresentem como constituídos (inconscientemente) por tantas outras questões.

Nesse sentido, Vasconcelos (2003) pontua a dificuldade de se buscar a origem, o início, a genealogia do sujeito, uma vez que sua constituição sempre leva a um mais além, a um ir e vir de fios complexos. Na perspectiva defendida pela autora,

a heterogeneidade do discurso e do sujeito já está posta na própria busca do ponto zero, do ponto inaugural, daí a sua impossibilidade de descrição como uma categoria de análise (VASCONCELOS, 2003, p. 180-181).

Devemos lembrar, desse modo, que o *Projeto de Sensibilização de Língua Estrangeira* não é a primeira experiência que constitui esses alunos. Os momentos anteriores fazem parte da história desses sujeitos, fato esse que não deve ser descartado. As experiências vividas por esses alunos (escolares ou pessoais) deixam neles marcas impossíveis de ser eliminadas ou apagadas. Assim, de alguma forma, todas as histórias pessoais desses alunos irão interferir no modo como eles vão se aproximar e se relacionar com um registro simbólico outro, assim como no exercício de suas singularidades, e, no caso deste estudo, no exercício de suas escolhas.

Analisemos outros depoimentos sobre a constituição heterogênea dos sujeitos:

(2) - PF⁵: (sobre a influência nas escolhas dos alunos) [...] a família influencia a escolha dos alunos / a família / os amigos / a mídia / isso

⁵ PF refere-se a professora de língua francesa responsável pelo desenvolvimento do projeto de sensibilização.

a meu ver o que mais influencia / mas também / a experiência desse aluno / com a vida e tudo influencia também / [...] / então tem esse apelo sim / de diversas fontes / isso influencia muito na escolha deles [...]

Percebemos aqui que a professora também menciona a constituição desses alunos por diversos aspectos, pelas suas próprias vivências, e por tudo aquilo que já puderam experimentar. Quanto a essas experiências dos sujeitos, os estudos lacanianos se interessam em eliminar os sintomas, os sentidos prévios, os estereótipos, as construções imaginárias e reforça a importância de se conhecer a estrutura de funcionamento do sujeito, o modo como esse sujeito acabou se constituindo, considerando a mobilidade do sujeito como sua constituição. Quando nos propusemos a pensar e refletir sobre esse projeto de ensino, não contamos com o fato de que os fatores de constituição desses sujeitos poderiam interferir em suas escolhas por uma língua outra.

Segundo Alberti (2004), as escolhas são sempre determinadas por indicativos e direções primárias. Em suas próprias palavras,

[n]ão há escolha que prescindia de indicativos, direções, determinantes que lhe são anteriores. O sujeito os recebe ao longo de sua infância, dos pais, educadores, colegas, meios de comunicação, enfim, do mundo a sua volta, através do que lhe é transmitido pela linguagem falada, escrita, visual, comunicativa ou ainda pelo silêncio. E pode continuar recebendo esses mesmos indicativos, direções e determinantes, ao longo de todo o processo adolescente, desde que não falte quem lhe possa transmiti-los (ALBERTI, 2004, p. 10).

Essas referências, na visão da autora, são imprescindíveis para o exercício de qualquer escolha e podem estar ancoradas na

sua história, na determinação inconsciente e significativa, ou no laço social⁶ no qual o sujeito esteja inserido.

Há diversos outros momentos em que as professoras relatam sobre a contribuição dos grandes Outros para as escolhas dos sujeitos alunos desta pesquisa:

(3) - PII: [...] pensar nessas escolhas / e os fatores que mobilizam esse aluno / a escolher determinada língua / é pensar também nos diversos elementos que vão constituir esse sujeito / esse sujeito aprendiz / e que certamente vão deixar alguns traços / por exemplo / quando [incomp.] vai ter que lidar com diversos outros / esse Outro com O maiúsculo / que seria a própria sociedade / a própria língua / esse Outro institucional / esse Outro social / esse Outro cultural / que o aluno tem que lidar e que é constituído / dele [...]

Mais uma vez, conforme já apontamos anteriormente, a professora menciona outros fatores que interferem nas escolhas, daí nos atentarmos para a complexidade desse projeto em lidar com a própria estruturação do sujeito, uma vez que sabemos que o inconsciente desses alunos está transbordando de desejos de outras pessoas e de demandas de outros lugares. Podemos citar Fink (1998), o qual explica como o inconsciente do sujeito está repleto de desejos estranhos, de outras pessoas:

As opiniões e desejos de outras pessoas fluem para dentro de nós através do discurso. Nesse sentido, podemos interpretar o enunciado de Lacan de que o inconsciente é o discurso do Outro, de uma maneira muito direta: *o inconsciente está repleto da fala de outras pessoas, das conversas de outras pessoas, e dos objetivos, aspirações e fantasias de outras pessoas* (na medida em que estes são expressos em palavras) (FINK, 1998, p. 27, grifos do autor).

⁶ Por laço social entende-se o que há de comum entre os sujeitos, como, por exemplo, a sua língua.

Desse modo, podemos perceber a importância do Outro para o indivíduo, à medida que os desejos e as fantasias desse Outro são internalizadas pelo sujeito, que as tem como suas.

Temos, também, o depoimento de um outro aluno, o qual justifica a sua escolha por uma língua estrangeira por meio dessa importância do Outro, como vemos a seguir:

Ao24I⁷: Porque a minha mãe e ela dava aula e a minha tia dá aula de inglês e espanhol e porque eu quero.

Notamos, nesse excerto, a presença de diversos Outros (mãe, tia) interferindo nas escolhas desse aluno, apesar de, no final, ele acrescentar o verbo ‘querer’ a sua justificativa. O importante é que esse querer mencionado, após as outras justificativas, pela mãe e pela tia, que são ou foram professoras de línguas, remete-nos a pensar que o seu querer complementa as outras duas razões e não o contrário. Primeiro, ele escolhe por influência da mãe e da tia e, depois, porque quer. Percebemos, assim, o sujeito tentando atender a uma demanda do Outro.

Quanto à decisão de escolha pelos pais, a professora continua:

(4) - PII: os pais // os pais algumas vezes são os que decidem / às vezes passando por cima do próprio filho / do desejo do próprio filho / outras vezes eles cumprem o papel / seu papel de orientar e mesmo de respeitar a escolha / eu vejo a participação deles como algo muito importante e decisivo na relação dessas escolhas [...]

É importante ressaltar que tratamos de jovens no final da infância, momento em que a idealização dos pais pode começar a ser questionada. Nos estudos psicanalíticos, é nessa fase que o sujeito começa a perceber que o Outro (pais, em nosso caso) é castrado, e, assim, possui seus próprios limites. E a adolescência,

nesse viés, consiste em um trabalho de elaboração da falta no Outro, visto que o sujeito reconhece que esse Outro não pode tudo, e nota que há nele uma falha. Todas essas descobertas possibilitam uma separação do sujeito desse Outro, pois

para haver uma separação é preciso que efetivamente o Outro possa ser dialetizado, relativizado, no sentido de lhe ser impossível uma onipotência que impediria o sujeito de fazer o que quer que fosse escapando à sua presença (ALBERTI, 2004, p. 25).

Esse movimento de separação é o que permite ao sujeito exercer-se como desejante e apostar na sua capacidade de desejar.

Ainda de acordo com uma perspectiva psicanalítica, Fink (1998) postula que as crianças tentam ser o objeto do desejo de seus pais e esforçam-se para preencher toda a falta da mãe, desejando tudo para ela. Nas palavras do estudioso,

[o] desejo do homem é o desejo do Outro, “O desejo do homem é o mesmo que o desejo do Outro”, e “O homem deseja o que o Outro deseja”, [...]. Pois o homem não somente deseja *o que* o Outro deseja, mas deseja *da mesma forma*; em outras palavras, seu desejo é estruturado exatamente como o do Outro. O homem aprende a desejar *como um outro*, como se ele fosse alguma outra pessoa (FINK, 1998, p. 77, grifos do autor).

O desejo da mãe (o Outro) é uma ordem para eles (sujeitos alunos), é a demanda deles. O desejo das crianças nasce completamente subordinado ao desejo da mãe e a criança tenta fazer coincidir os seus desejos com os da mãe. Como podemos perceber em nosso estudo, os alunos se apresentam como dependentes da opinião de seus pais, sempre procurando ouvi-los e segui-los em seus conselhos e opiniões.

⁷ Ao24I é o aluno de número 24 que fez sua opção pela língua inglesa.

Quanto a esse ponto, faz-se importante mencionarmos que durante a realização dos questionários respondidos antes do projeto acontecer, quando perguntados sobre a opção pela língua estrangeira, pudemos constatar a enorme preocupação de muitos alunos explicando que não poderiam escolher uma língua, uma vez que precisavam conversar com seus pais antes. Com isso, corroboramos a idéia de que esses sujeitos desejam o modo como seus pais desejam e daí a dependência a eles.

Sob essa ótica, **PI2** chega mesmo a sugerir um projeto de sensibilização com os pais, tamanha a importância que ela atribuiu à participação deles no momento de escolhas de seus filhos por uma língua estrangeira. Vejamos:

(5) - PI2⁸: os pais com certeza / interferem nas escolhas dos alunos / a gente teve vários casos que / o aluno fez opção por uma língua / chegou em casa / conversou com o pai / voltaram lá e decidiram escolher outra língua / e é nisso que eu tava falando anteriormente / eu acho que / seria legal / antes do projeto de sensibilização dos alunos / uma conversa com os pais desses alunos / explorando isso / falando / poderia ter um projeto de sensibilização com os pais / essa é a minha opinião / não só com os alunos / mas também com os pais.

A alienação desses alunos aos seus pais se dá à medida que seus desejos surgem como o desejo do Outro (mãe, pai ou ambos), e o sujeito (aluno) é concebido como uma postura em relação ao desejo do Outro (de um dos pais ou ambos), uma vez que o desejo deles provoca o desejo do sujeito. Esse sujeito assume posições diferentes face às exigências do desejo do Outro.

Assim, podemos considerar muitos desses sujeitos aprendizes deste estudo como sujeitos castrados, um falso ser do *eu* ou um

ser ilusório da fantasia. É um sujeito assujeitado ao Outro, visto que não passou pela travessia da fantasia⁹, não subjetivou o desejo do Outro. Nesse sentido, faz-se importante citar Fink (1998), o qual postula que os objetos do desejo do sujeito coincidem com os objetos da demanda do outro e que

[m]uitas vezes, esses objetos são objetos da demanda do Outro. Eles desempenham um papel nas demandas feitas pelo Outro ao sujeito, por exemplo, pelos pais aos filhos e, com frequência envolvem o alcance de posições valorizadas socialmente [...], diplomas, salários, reconhecimento, fama e assim por diante. Esses são objetos a serem conseguidos, conquistados ou obtidos, como um pedaço de papel (diploma, licença, prêmio Nobel), objetos valorizados pelo Outro, associados com a aprovação ou desaprovação do Outro. Eles são objetos em relação aos quais a criança pode ficar fixada, permanecendo alienada com relação a eles e com relação aos seus esforços para obtê-los. Se nos referirmos a eles como objetos do desejo, de maneira alguma os mesmos provocam desejo mas, com bastante frequência, medo ou angústia. O desejo do sujeito por eles lhe é estranho, não lhe pertence. Em última análise, eles também não podem ser considerados satisfatórios (FINK, 1998, p. 226).

Portanto, de acordo com os depoimentos das professoras até aqui analisados (**de 1 a 5**), notamos que os aprendizes ficam cada vez mais dependentes de seus pais, e o desejo desses aprendizes gira somente em torno da demanda de seus pais – que seus filhos estudem uma língua estrangeira e que essa língua lhes traga sucesso. Desse modo, notamos que o estudo de uma língua estrangeira se apresenta como um objeto valorizado pelo Outro, agregado, ainda, a uma aprovação ou desaprovação desse Outro.

⁸ PI2 é a outra professora de inglês participante do projeto de sensibilização.

⁹ *A travessia da fantasia envolve que o sujeito assumira uma nova posição em relação ao Outro como linguagem e ao Outro como desejo. (...). Onde uma vez reinou o discurso do Outro, dominado pelo desejo do Outro o sujeito é capaz de dizer "Eu"* (FINK, 1998, p. 86, grifo do autor).

Baseados nisso, perguntamos: Os sujeitos alunos deste estudo precisam de uma língua estrangeira, assim como enunciado por eles mesmos e pelas professoras, mas essa língua lhes provoca um desejo? Pensamos que seja preciso que os responsáveis pelo desenvolvimento do projeto de sensibilização, aqui estudado, incentivem a travessia da fantasia desses alunos e não a sua alienação. Para isso, devem estimular esses aprendizes a desejar mais e de maneira verdadeira.

Há, ainda, algumas considerações a respeito das primeiras experiências dos alunos com um outro registro simbólico, por meio das quais a professora atribuiu alguns papéis ao Outro professor.

O discurso sobre o papel do professor como motivador, cativante, um professor que apóie os alunos em tudo, que tenha paciência, além do papel de despertar o interesse dos alunos, pode anulá-lo ou silenciá-lo e alimenta o imaginário idealizado de que o professor é intermediário e responsável pelo sucesso ou fracasso de seus alunos. No caso de nossa pesquisa, entendemos que esses papéis não seriam suficientes para que esses sujeitos alunos participantes do projeto de sensibilização se envolvessem subjetivamente com seus estudos de uma língua outra. Esses papéis são designados pelas professoras, em seus depoimentos, da seguinte forma:

(6) - PI2: bom / no primeiro ano após o contato com a língua estrangeira no caso a quinta série / é / quando o aluno escolhe / a língua porque ele realmente quer fazer / (...) / eu notei as minhas quintas séries assim BASTANTE motivadas a aprender a língua sabe? / principalmente as primeiras aulas nas quais a gente começava a falar / é / sobre a língua / (...) / então assim / é bastante motivante / eu acho / o principal aqui / nesse início de curso / é o papel do professor / principalmente / eu acho assim mais que o aluno / é o professor / o / a aula que o professor der / relação com os alunos / relação professor / o professor nesse momento / tem que ser o

professor motivador / (...) / então eu acho que é muito importante / nesse primeiro contato / que o professor seja / bastante cativante / que apóie os alunos em tudo / que tenha paciência / porque realmente / é uma nova experiência / é uma nova língua [...]

E, ainda:

(7) - PI2: eu acho que nesse projeto de sensibilização o professor tem que / vai muito do professor / se você / pode ser uma língua como qualquer outra / (...) / mas o professor tem que / despertar o interesse dos alunos nessa língua né?

Os dados até aqui analisados permitem-nos, então, contrariar a idéia de tomar o papel desse Outro professor como o outro imaginário (eu ideal), o Outro com um papel de um juiz onisciente, um juiz máximo e uma autoridade final sobre todas as questões relativas ao aprendizado de uma outra língua. Pelo contrário, quando escolhemos tratar, neste estudo, de uma teoria psicanalítica da subjetividade, é porque nos propusemos a refletir sobre o papel do professor como um sujeito que possa ajudar seus alunos a encontrar suas verdades, a desejar por si próprios, abalando a configuração da fantasia desses alunos e mudando suas relações com a causa do desejo.

Conclusão

A análise das inscrições discursivas dos sujeitos participantes do projeto de sensibilização detectou, dentre outras coisas, a presença e o papel dos diversos Outros nas escolhas dos sujeitos alunos por uma língua outra e, conseqüentemente, na estruturação de seus desejos de estudar um outro idioma.

O tema abordado neste estudo e a análise deste recorte apontam para a importância de se tentar atribuir um outro papel para professores e pais, os quais devem ajudar seus alunos e

filhos a fazer deslocamentos subjetivos, incentivando-os a assumir o lugar da causa do desejo e tentando separá-los de suas relações imaginárias com o desejo do Outro. Com essa mudança de papel, tais alunos poderiam se encontrar em condições de tornar subjetiva a causa de seu próprio advento como sujeito, vindo a ocupar o lugar onde o desejo do Outro, que lhe é estranho, estava.

Ainda é significativo acrescentar que a escola e a família são espaços importantes de constituição dos sujeitos, daí a necessidade dessas instituições viabilizarem o exercício da singularidade e darem voz aos sujeitos alunos, não os deixando renunciar as suas pulsões e lhes ajudando a reconhecer o seu próprio desejo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

CORACINI, M. J. O olhar da ciência e a construção da identidade do professor de língua. In: _____; BERTOLDO, E. S. **O desejo da teoria e a contingência da prática**: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira). Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. A celebração do outro. In: _____. **Identidade & Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FINK, B. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998. 253 p.

GRIGOLETTO, M. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: **CLARITAS**. São Paulo: PUC/SP, n. 6, 2000.

_____. Um dizer entre fronteiras: o discurso de professores e futuros professores sobre a língua inglesa. In: **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 41, Jan/jun. 2003.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. In: **DELTA**. Campinas, v. 13, n. 1, 1997.

_____. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOUZA, A. P. A leitura como varinha de condão. In: **SIGNÓTICA**. Vol. 14. Goiânia: Faculdade de Letras/UFG, 2002.

VASCONCELOS, S. I. C. C. O *début*, o inaugural, no discurso do professor de português como língua estrangeira sobre sua formação profissional. In: CORACINI, M. J. **Identidade & Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.